 Tempo de leitura: 11 min.

*Dom Bosco viu em São Francisco de Sales não apenas um mestre de doçura, mas um verdadeiro modelo missionário. Na difícil missão do Chablais, entre hostilidades, perigos e resistências religiosas, o santo saboiano escolheu as armas mais evangélicas: paciência, caridade, pregação, escritos e confiança na graça. A sua ação, longe de qualquer violência, visava conquistar os corações com o diálogo, a mansidão e a verdade. Exatamente esse estilo impressionou profundamente Dom Bosco, que fez dele uma referência para o seu método educativo e pastoral. Do Chablais a Valdocco, a mesma paixão apostólica: "Da mihi animas, cetera tolle".*

O que mais impressionou Dom Bosco, o discípulo piemontês de São Francisco de Sales, foi a sua atividade missionária no Chablais (1594-1598). Vale a pena reproduzir o parágrafo dedicado a esta missão na sua História Eclesiástica:

*Impelido pela voz de Deus que o chamava para coisas extraordinárias, partiu para o Chablais, sem outras armas que as da doçura e caridade. À vista das igrejas arruinadas, dos mosteiros destruídos, das cruzes arrancadas, enchendo-se de santo zelo, dedica-se logo ao apostolado. Alvoroçam-se os hereges e tratam de matá-lo; porém ele com paciência, com sermões, com escritos e com milagres acalma os tumultuosos, ganha os assassinos, desarma o inferno, e a fé católica triunfa de tanto esplendor que, em pouco tempo, somente no Chablais, converteu ao seio da verdadeira Igreja a mais de setenta e dois mil hereges.*

Dom Bosco escreve que São Francisco de Sales foi «impelido pela voz de Deus». Não consta que tenha tido um chamado extraordinário; pois a voz de Deus lhe foi transmitida através de um convite formal do seu bispo, Dom Cláudio de Granier. O seu programa de conquista foi por ele explicitamente definido na famosa «arenga» que pronunciou como decano perante o Capítulo da catedral em Annecy:

*É por meio da caridade que devemos desmantelar as muralhas de Genebra, por meio da caridade invadi-la, recuperá-la. […] Não vos proponho nem o ferro, nem aquela pólvora, cujo cheiro e sabor lembram a fornalha infernal […]. Quereis um método fácil para tomar de assalto uma cidade? Peço-vos que o aprendais do exemplo de Holofernes. Sitiando Betúlia, corta o aqueduto e põe sob guarda todas as fontes. […] Há um aqueduto que alimenta e reanima, por assim dizer, todas as raças dos hereges: são os exemplos dos padres perversos, as ações, as palavras, em suma, a iniquidade de todos, mas em particular dos eclesiásticos. […] É preciso derrubar as muralhas de Genebra por meio de orações ardentes, e assaltar com a caridade fraterna. É por meio desta caridade que devem fazer força as nossas cabeças de assalto.*

Para se preparar para a missão, Francisco de Sales, 27 anos, sacerdote há um ano, havia se munido da «corda de três fios que dificilmente se rompe»: a oração, o jejum e a caridade.

**O Chablais**

O Chablais é um pequeno território delimitado ao norte pelo lago de Genebra (ou lago Lemano) e pelos montes de Faucigny ao sul. A capital é a pequena cidade de Thonon, na margem do lago. A região contava na época com cerca de 25.000 habitantes, divididos outrora em cerca de cinquenta paróquias. Politicamente, esteve por muito tempo sob os duques de Saboia, mas depois foi frequentemente puxado para cá e para lá, entre os suíços, a França e a Saboia.

Do ponto de vista eclesiástico, fazia parte da diocese de Genebra. Mas em 1536 o Chablais foi invadido pelos protestantes de Berna e de Genebra, até Thonon e a torrente do Dranse. Após alguns meses de tolerância, impuseram a nova religião: mosteiros devastados, igrejas arruinadas, imagens e estátuas destruídas, obrigação de assistir ao culto protestante, proibição de celebrar a missa católica, de promover «superstições e idolatrias papistas». Dos 25.000 habitantes, restavam apenas cerca de cem católicos.

Uma primeira tentativa de «recatolicização» foi feita em 1589, quando o duque Carlos Emanuel pediu a Dom de Granier para enviar cerca de cinquenta sacerdotes. O fracasso foi total e os padres assustados se retiraram. Era preciso outro método.

Em 1593, após a abjuração de Henrique IV da França, que enfraqueceu a pressão protestante, o Chablais foi devolvido ao duque de Saboia Carlos Emanuel, que queria reconduzir os habitantes à fé católica, pedindo a Dom de Granier para fazer o necessário. Este reuniu o seu clero e pediu alguns voluntários… Apenas Francisco de Sales aceitou a proposta, apesar da oposição do pai.

**Breve cronologia da missão**

Em 14 de setembro de 1594, Francisco chega à fortaleza de Allinges, o seu refúgio católico numa província calvinista. Deste lugar parte todos os dias a pé para o seu apostolado, após ter celebrado a missa na capela da fortaleza. Em 18 de setembro faz o primeiro sermão na capital Thonon, na igreja de Santo Hipólito, que se tornara há anos um templo protestante, sob a autoridade e a missão dos pregadores da Igreja: «Calvino, quem te enviou?». Pouco depois, os líderes protestantes de Thonon juram nunca ir às pregações do padre «papista». Em 27 de novembro, Francisco começa a pregar o Advento a “quatro ou cinco pequenas pessoas”. O inverno de 1594-1595 é cheio de perigos: frio intenso, bandos de lobos e intimidações.

No início de 1595, Francisco sofre uma tentativa de assassinato. Em 25 de janeiro, festa da conversão de São Paulo, Francisco tenta um novo método: começa a distribuir todas as semanas folhas ou “panfletos” onde explica a verdadeira doutrina católica. Em meados de março, nova tentativa de assassinato. Em 11 de abril, comunica ao amigo Favre que entre as primeiras «espigas» da messe está o advogado Pierre Poncet, que decide tornar-se católico. Em 25 de maio, festa de *Corpus Christi*, às três da manhã, Francisco vive uma experiência mística sobre a Eucaristia. Em 1º de julho é agredido nos bosques de Voiron, e outra vez em 18 de julho aos pés de Allinges. Em 18 de setembro, pode escrever ao amigo Favre: «Eis finalmente, meu irmão, que uma porta mais larga e mais bela se abre para nós». O barão d’Avully e alguns representantes da cidade vieram ouvi-lo sem se deixarem ver.

No início do ano de 1596, o ministro protestante Viret não ousa enfrentar o decano numa disputa pública. O barão d’Avully abjura na igreja de Thonon. Francisco ousa

pregar na praça do mercado de Thonon por duas horas; as pessoas reagem dizendo: «Que Deus nos coloque do lado certo!». Em março, sustenta uma disputa pública em Genebra com o ministro Antônio de La Faye, colaborador de Teodoro de Beza, sobre a Presença Real, o Purgatório, a invocação dos Santos... Em 16 de julho, organiza um catecismo dialogado em público com o seu irmão de treze anos, Bernard. Em 25 de dezembro de 1596, pela primeira vez após mais de meio século, Francisco celebra as três missas de Natal na igreja de Santo Hipólito de Thonon.

Em 1597, dirige-se novamente a Genebra para um colóquio com Teodoro de Beza, sucessor de Calvino, sobre o problema da salvação na Igreja. Segue-se a conversão de Pedro Fourier. Novo colóquio com Teodoro de Beza em Genebra sobre a cooperação humana com a graça e sobre a necessidade das boas obras. Em setembro, celebração eucarística das Quarenta Horas na pequena cidade de Annemasse, em frente a Genebra. Em novembro, grave doença de Francisco até janeiro.

Em 13 de junho de 1598, Francisco pede ao Núncio que intervenha para obter o exercício do culto católico em Genebra. Em setembro-outubro, as Quarenta Horas são celebradas em Thonon, na presença do duque e do cardeal-legado. Francisco de Sales ressuscita um menino de mãe protestante que se converte. Cerca de 2.300 pais de família retornam à Igreja Católica.

### *Da mihi animas cetera tolle*

A estratégia de Francisco de Sales consistia em aproximar-se dos «Senhores» de Thonon, capital do Chablais, para entrar em diálogo com eles, mas também em entrar em contato com as pessoas simples do campo.

Os inícios foram muito duros. É chamado de papista, mago, feiticeiro, *bigle* (estrábico). Em todas as suas intervenções com os protestantes, Francisco conta sobretudo com a argumentação e a persuasão, apostando em alguns elementos imprescindíveis da verdadeira fé: a interpretação dos livros canônicos, a visibilidade da Igreja, o primado de São Pedro e dos seus sucessores, a realidade do Corpo de Cristo na eucaristia, a invocação dos Santos, a justificação mediante a fé e as obras.

O zelo de Francisco foi exaltado pelo seu amigo e discípulo, Dom João Pedro Camus, bispo de Belley, no seu livro sobre *O espírito do bem-aventurado Francisco de Sales*,

no qual explica o verdadeiro motivo do seu apostolado:

*Quando os Apóstolos não tinham nada, possuíam tudo, e quando os eclesiásticos querem possuir muito, o muito se reduz a nada. Ele suspirava apenas pela conversão daquelas almas rebeldes à luz da verdade, a qual resplandece apenas na verdadeira Igreja. De fato, é uma coisa bem certa que a alma é mais que o alimento, e o corpo mais que a vestimenta. Dizia algumas vezes suspirando: 'Da mihi animas, cetera tolle tibi', falando da sua Genebra que chamava sempre a sua pobre ou a sua querida – termos de compaixão e de amor – apesar da sua rebelião.*

Francisco de Sales vestia um hábito curto para não assustar as pessoas e evitava as invectivas, as violências verbais. Chamava os seus adversários de «irmãos», «filhos da Igreja em disposição», «irmãos em esperança da mesma vocação à salvação», sem se deixar impressionar pelas acusações de «adulação». Os outros missionários, especialmente os capuchinhos, usavam um remédio amargo, relata Camus, procurando fazer-se temer, utilizando palavras como «incircuncisos, rebeldes à luz, obstinados, raça de víboras, membros podres, filhos do diabo e das trevas».

*O nosso bem-aventurado Pai seguia um caminho totalmente diferente, e apanhava mais moscas com uma colher daquele mel que lhe era tão habitual, do que todos estes com barris de vinagre. O seu comportamento externo e o seu interno eram todos de acomodação, as suas palavras, os seus gestos e as suas ações de complacência. Se os outros queriam fazer-se temer, ele desejava fazer-se amar e entrar nos espíritos através da porta da complacência.*

Francisco preocupava-se também com a conversão e a formação dos jovens. Vendo que na igreja de Santo Hipólito estavam pouco presentes, procurou uma forma de «atrair a juventude da cidade com a qual não conseguia superar a dificuldade, mesmo que já tivesse alguns neófitos, mas mais em segredo do que a descoberto». Redigiu um pequeno catecismo dialogado com perguntas e respostas, e pediu ao irmão Bernard, que viera visitá-lo, para dar as respostas diante do público

convidado naquela ocasião (16 de julho de 1596). Francisco dava catequese o mais frequentemente possível, em público ou em casas particulares.

**Os escritos**

Dom Bosco mencionava também o papel dos escritos como meio de conversão, em particular as folhas volantes, mais tarde reunidas num livro. O título *Controvérsias*, dado ao conjunto daquelas folhas soltas, é dos editores e não do autor, que as chamava de *Memorial*. Os editores quiseram sublinhar o caráter da obra, aludindo aos pontos convergentes com as *Controversiae* do cardeal Belarmino.

O tom geral de Francisco de Sales é vivaz, incisivo, até polêmico, sobretudo quando trata de Lutero, de Calvino e dos seus sócios. Mas quando se dirige aos «Senhores de Thonon», fá-lo com grande benevolência e compaixão. «Asseguro-vos – assim escreve – que nunca podereis ler um escrito a vós dirigido por alguém que seja mais afeiçoado ao vosso serviço espiritual do que eu».

O objetivo principal do autor é demonstrar que todos aqueles que estão separados da Igreja de Roma vivem no erro. Após uma carta sentida aos «Senhores de Thonon», e uma premissa sobre o tema do escândalo, o livro apresenta-se em três partes.

A primeira é uma defesa da autoridade da Igreja. Francisco de Sales mostra que os ministros não receberam a sua missão, nem do povo, nem dos príncipes seculares, nem dos bispos católicos, e não podem pretender uma missão extraordinária. Depois, os ministros estão no erro sobre a natureza da Igreja. A Igreja é visível, e contém bons e maus; a Igreja não pode perecer; nunca permaneceu escondida, e não pode errar. A verdadeira Igreja deve ser una, santa, acompanhada de milagres e do espírito de profecia, voltada para a perfeição da vida evangélica, universal e perpétua, fecunda e apostólica.

Na segunda parte, o autor descreve as oito normas da fé que foram violadas pelos chefes da Reforma: antes de tudo a Sagrada Escritura, depois as tradições apostólicas, a autoridade da Igreja, a dos Concílios, dos antigos Padres, do Papa, dos milagres e da razão natural.

Na terceira parte, o autor propõe-se a resolver, à luz unicamente da «pura e

simples palavra de Deus», alguns pontos particulares que causavam dificuldade com os protestantes: os sacramentos, especialmente a eucaristia, a confissão e o matrimônio, o culto dos santos, as cerimônias da Igreja, o mérito das obras, a justificação e as indulgências. Mas desta parte restam apenas dois capítulos: um sobre os sacramentos, e o outro, não previsto, sobre o purgatório.

As *Controvérsias* são uma obra apologética e teológica. Aliás, há quem seja do parecer que seria a obra mais teológica que possuímos do doutor da Igreja. De fato, elas expõem de maneira clara e convicta a natureza e a missão da Igreja.

O outro escrito daquele período chama-se: *Defesa do Estandarte da Santa Cruz*. Esta obra de Francisco de Sales é, como a anterior, de natureza apologética e polêmica e nasceu também no período do seu apostolado no Chablais. Em setembro de 1597, com a ajuda do P. Querubim, capuchinho, havia organizado uma grande manifestação eucarística (as Quarenta Horas) em Annemasse, em frente a Genebra. Um dos pontos do programa previa a ereção de uma grande cruz. Foi um momento de grande triunfo, também porque muitos protestantes retornaram ao catolicismo.

Para convidar a população à veneração da cruz e explicar o seu sentido, os missionários haviam composto três manifestos (*placards*). Genebra reagiu confiando ao ministro Antônio de La Faye a redação de uma resposta, que será intitulada: «*Breve tratado da virtude da Cruz e do modo de honrá-la*». Para os calvinistas, de fato, a «adoração» da cruz por parte dos católicos era considerada uma idolatria ou superstição e também por este motivo haviam destruído por toda parte os crucifixos e os calvários.

Francisco escreveu então uma resposta ao ministro protestante, intitulada *Defesa do Estandarte da Santa Cruz*. A obra comporta quatro livros. O primeiro trata da honra e virtude da verdadeira cruz; o segundo da honra e virtude da imagem da cruz; o terceiro da honra e virtude do sinal da cruz; e o quarto da qualidade da honra que é devida à cruz. Neste livro, São Francisco de Sales nos revela o seu amor pela Cruz de Jesus, o lugar que ela ocupa no seu pensamento, na sua vida, na sua ação. O missionário do Chablais avança sob o estandarte da Cruz, planta-a não apenas nas mentes e nos corações, mas também nas praças públicas e nas grandes estradas; por toda parte quer restaurar os calvários profanados.

## Conclusão

Dom Bosco colocou justamente em evidência os quatro meios de que se serviu o nosso missionário: paciência, pregações, escritos e milagres. Na vida e na ação do discípulo piemontês do santo saboiano, especialmente na sua missão educativa para com a juventude, podemos reencontrar estes elementos fundamentais com algumas acentuações particulares.

A paciência e a amabilidade são traços característicos do método preventivo de Dom Bosco na educação da juventude. Em 1880, Dom Bosco dirá aos seus ex-alunos sacerdotes: «Nunca esqueçais a doçura dos modos; ganhai os corações dos jovens por meio do amor; lembrai-vos sempre da máxima de São Francisco de Sales: apanham-se mais moscas com um prato de mel do que com um barril de vinagre».

As pregações na igreja, fora da igreja, no pátio, nas praças, ou seja, os discursos, encontros, diálogos com os jovens são fundamentais.

E quando lançou ao público as suas *Leituras Católicas*, o exemplo do santo saboiano certamente o inspirou. Tendo de responder a Pio IX sobre as suas atividades em Turim, Dom Bosco indicou estas duas: a educação da juventude e as *Leituras Católicas*.

No que diz respeito aos milagres, é certo que a ressurreição do menino de Thonon esteve na origem da conversão de toda a família e de muitas pessoas de Thonon. Também a Dom Bosco foram atribuídos numerosos milagres: curas, multiplicações de hóstias e castanhas, sonhos e visões proféticas.

O exemplo de São Francisco de Sales inspirou Dom Bosco de várias maneiras, certamente porque ambos eram animados por um forte espírito missionário.